Entrevista

Marcos SILVA (USP)
Selva Guimarães FONSECA (UFU)
por Julio BENTIVOGLIO (UFG-CAC)

Excepcionalmente neste número convidamos dois renomados pesquisadores com extensa produção dedicada à prática e ao ensino de História para responderem a algumas questões referentes a esta temática. Selva Guimarães Fonseca, mestre e doutora em História pela USP, com pós-doutorado em Educação pela UNICAMP, é professora e atual coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação na UFU, com inúmeros trabalhos e livros produzidos sobre ensino e aprendizagem de história, metodologias de ensino e formação docente. Marcos Silva é livre docente pela USP com pós-doutorado na Universidade de Paris III, autor de inúmeros trabalhos sobre Brasil Republicano, ensino de história, caricaturas, História e linguagem, História e região. Juntos organizaram e publicaram pela editora Papirus o livro *Ensinar história no século XXI*, em 2007. As perguntas foram enviadas por e-mail a ambos e as respostas seguem abaixo.

Como vocês vêem a importância dada ao ensino de História nos cursos de graduação existentes no Brasil?

Marcos SILVA (MS): Até agora, houve uma dupla tendência: por um lado, o ensino é o horizonte profissional mais imediato para quem se forma em História, donde a necessidade de ser encaminhado nos cursos de graduação; por outro, muitos cursos agem como se ensino fosse uma coisa e pesquisa outra. Entendo que as duas perspectivas (ensino e pesquisa) devem ser enfrentadas conjuntamente, o bom professor sabe pesquisar, o bom pesquisador sabe ensinar. Ensino depende de domínio sobre conteúdos e abertura para suas transformações por novas pesquisas. Pesquisa significa conquistar novos espaços de conhecimento e torná-los acessíveis à humanidade. Defendo a formação permanente de professores e pesquisadores, bem como a bivalência nessa formação – quer dizer, profissionais plenos.

Selva G FONSECA (SGF): Em grande parte dos cursos superiores de História no Brasil é recorrente a concepção de que para ser professor, basta saber História. Esta idéia tão amplamente difundida vincula-se à velha dicotomia teoria-prática, bacharelado-licenciatura, reiterada, em certa medida, pelas

Diretrizes Curriculares para os Cursos Superiores de História. Felizmente, nos últimos anos o debate sobre a formação do professor e o ensino de História ganha força e expressão no interior dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História.

Em relação à pesquisa, que espaço estudos sobre o ensino de História tem tido junto aos programas de pós-graduação e às instituições de fomento?

MS: Quando eu iniciei a graduação na USP (anos 70), bolsas de iniciação eram raras. Hoje, o panorama mudou. As instituições de fomento ainda oferecem mais possibilidades para campos ligados às Ciências Físicas e Biológicas, mas respeitam a pesquisa nas Humanidades. Penso que os historiadores devem divulgar sempre mais seus trabalhos, demonstrando a necessidade dos mesmos para uma Universidade que efetivamente dê conta do universo como campo de saber. Ao mesmo tempo, nosso ritmo de trabalho (amadurecimento de resultados) é diferente daquele experimentado por outros campos de conhecimento. Devemos defender nossa importância e nossas diferenças.

SGF: As pesquisas sobre a produção científica (estado do conhecimento) na área do ensino de História têm revelado um progressivo avanço quantitativo e qualitativo. O ensino de História como objeto de pesquisa é uma realidade nos Programas de Pós-Graduação em História, Educação e também nas Agências de Fomento. Vários são os grupos de pesquisa certificados no CNPq. Os últimos eventos da Área "Encontro de Nacional de Pesquisadores na área do Ensino de História" e "Encontro Nacional "Perspectivas do Ensino de História" demonstraram o esforço coletivo de produção de saberes na área e os intercâmbios nacionais e internacionais em andamento. Portanto, vivemos um momento de ampliação, aprofundamento e reconhecimento da produção no meio científico.

Qual sua impressão da receptividade das editoras em relação ao ensino de História? Como avaliam o conjunto dos títulos publicados nas últimas décadas.

MS: Temos um gigantesco mercado para edições didáticas, de qualidade variável. Não me oponho aos livros didáticos (existem os melhores, existem os piores), mas defendo que, junto com eles, os alunos

conheçam outros livros e outros recursos de aprendizagem em História: museus, bibliotecas, sites, arquivos, etc. O ruim, quando o livro didático reina de forma absoluta, é pensar que toda História está nele. Evidentemente, toda História não está em lugar nenhum. Um bom resultado do ensino é incentivar o aluno a buscar sempre Histórias em múltiplos lugares de saber – Arte, Ciência, etc.

SGF: A receptividade das editoras cresce na mesma proporção da ampliação e reconhecimento da produção no meio educacional e científico. O mercado na área da educação escolar e do ensino é sedutor do ponto de vista comercial, exemplo disto as elevadas cifras de tiragens e vendas. Isto é bom para a área do ensino de História, pois motiva produtores e editores a investirem seus esforços na socialização do conhecimento.

E quanto às revistas vendidas em banca de jornal: que considerações fariam sobre o verdadeiro boom de títulos oferecidos atualmente?

MS: É muito bom que elas existam, a qualidade média é apreciável. Entendo que contribuem para uma maior divulgação da História como campo de conhecimento.

Lamento a tendência de algumas a privilegiarem temas "exóticos". Seria preferível mesclar vários gêneros de pesquisa histórica. Mas é muito interessante que elas atraiam historiadores competentes, de várias instituições, como tem ocorrido.

SGF: Este é um fenômeno internacional. No caso do Brasil precisamos ser criteriosos na escolha, uso e leituras do material que é bastante diversificado em termos de qualidade. Gosto muito da publicação da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. É um material de muito boa qualidade que possibilita o desenvolvimento de diversificados trabalhos no ensino básico e superior.

Como vêem o uso das novas tecnologias áudio-visuais para o ensino de História, em especial o uso de cd-roms que é muito freqüente em cursos do ensino fundamental, médio e em pré-vestibulares?

MS: Nada contra quaisquer tecnologias, desde que se entenda que a tecnologia, sozinha, nada resolve. Ela pode ajudar muito se houver um bom projeto de curso, se dialogar com outros recursos, se não pretender substituir materiais e procedimentos clássicos. Defendo vivamente o apelo à informática e

a tudo quanto for instrumento de ensino e aprendizagem, desde que não decretem a morte de livros, museus, aulas, professores. O convívio entre alunos e professores continua a ser fundamental como prática humana de aprender junto, trocar experiências, debater.

SGF: Em nosso último livro, em parceria com o Prof. Dr. Marcos Silva da USP "Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido" de 2007, dedicamos um capítulo a análise de "A Sala de Aula e o espaço Virtual". Defendemos a utilização de novas tecnologias, lembrando que o acesso ao computadores, por exemplo, ainda é restrito a uma pequena parcela da população brasileira e também os cuidados que devemos ter, os limites e as possibilidades para a pesquisa em História e o mais importante as novas tecnologias em sala de aula não podem significar perda do convívio entre professores e alunos. A produção de saberes se dá na relação com os outros e com o mundo, que não é apenas virtual.

O que pensam a respeito do impacto que tem e teve a internet na produção e reprodução de conhecimentos relacionados à História? Que impressões teceriam em torno de sua utilização

pelos historiadores, instituições de pesquisa, centros de documentação e alunos de história?

MS: A internet é um ótimo recurso para contato e difusão de saberes. Considero-a inadequada para a leitura de textos mais extensos. O acesso a catálogos e exemplos de documentação, em arquivos e museus, é excelente, sem que isso substitua o convívio físico com esses materiais. O maior perigo reside nos usos da Internet, que podem transformá-la em péssimo livro didático, em enciclopédia para obter informações desimportantes. A qualidade do trabalho com a Internet sempre dependerá do Plano de Curso e das problemáticas de conhecimento histórico efetivamente trabalhadas por professores e alunos. O papel do professor é insubstituível, como orientador e debatedor no processo.

SGF: De um modo geral, apesar dos problemas conhecidos, os impactos são positivos, pois, como abordamos na obra supracitada, nos possibilita ter acesso às instituições eruditas de pesquisa, aos acervos criados pelos recursos da informática (banco de dados, *sites*, salas de bate-papo), ao trabalho de reprodução, acumulação e tratamento de informações. Além disto, lembro que a internet redimensionou nossas relações espaciais e temporais o que tem impactos positivos e

também implicações no nosso cotidiano de trabalho, no nosso tempo, no nosso fazer. Cada vez mais temos a sensação de que "não temos tempo para nada", nossas relações são fluidas, nosso espaço real e virtual.

Por último, gostaria que nos falassem um pouco sobre a inserção que algumas correntes teóricas mais relativistas, que passaram a questionar a refiguração do passado por meio da narrativa, tiveram nos estudos relacionados ao ensino de história.

MS: Questionar é parte do pensamento. Submeter-se a qualquer questionamento é falta de critérios. É muito bom que se evite uma refiguração ingenuamente "realista" do passado, o que não significa renunciar a qualquer esforço de refiguração. A narrativa pode ser um bom recurso de pensamento, quando estiver aliada a problematizações. Penso que as novas propostas devem ser avaliadas, aceitas ou rejeitadas respeitosamente, sem submissão nem descarte *in limine*.

SGF: É difícil falar sobre isto quando nos referimos aos estudos relacionados ao ensino. A força das tradicionais concepções, positivista e marxista, são recorrentes no ensino de História. Há uma renovação

sim, que passa, prioritariamente, pelo critério da ampliação de temas, problemas e fontes. O processo é lento, mas muito interessante. O ensino de História como objeto de investigação de historiadores e educadores em geral, nos possibilitará pensar e fazer com que o papel formativo da História seja valorizado.